

AS CAPAS DAS EDIÇÕES DE JOÃO URSO, DE BRENO ACCIOLY

THE COVERS OF THE JOÃO URSO EDITIONS, BY BRENO ACCIOLY

Elton Jônathas Gomes de Araújo²²

RESUMO: Breno Accioly (Santana do Ipanema/AL, 1921 — Rio de Janeiro/RJ, 1966) estreou no cenário literário brasileiro no final de 1944 com a coletânea de contos *João Urso*. A obra, muito bem acolhida pela crítica, recebeu diversos elogios em periódicos da época. Compreendendo a importância de *João Urso* (1944) e de seu escritor na literatura nacional, investigam-se neste estudo as capas das quatro edições, bem como as implicações e sentidos presentes. Para isto, apoia-se na tipologia estabelecida por Genette (2018), as quatro edições — e todo o aparato paratextual (capas, ilustradores, editoras, periódicos da época de lançamento) — que a obra ganhou até o presente.

PALAVRAS-CHAVE: Breno Accioly; João Urso; Estudos Paratextuais; Literatura e recepção.

ABSTRACT: Breno Accioly (Santana do Ipanema/Alagoas, 1921 – Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, 1966) entered the Brazilian literary scene in late 1944 with the short-story collection *João Urso*. The work, very well received by critics, received numerous accolades in periodicals of the time. Understanding the importance of *João Urso* (1944) and its writer in national literature, this study investigates the covers of the four editions, as well as the implications and meanings present. To do this, it relies on the typology established by Genette (2018), the four editions — and all the paratextual apparatus (covers, illustrators, publishers, periodicals of the time of release) — that the work has received to the present day.

KEYWORDS: Breno Accioly; João Urso; Paratextual Studies; Literature and reception.

1 *João Urso*: alguns apontamentos

Breno Accioly estreou em 1944 com a obra *João Urso* e ganhou considerável destaque em uma década que trouxe obras de autores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa para o cenário literário. Laureado com o prêmio Graça Aranha, da Fundação Graça Aranha, e com o prêmio Afonso

²² Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe – Brasil. Doutorando em Letras na Universidade Federal de Sergipe – Brasil. Bolsista CAPES – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3681-4551>. E-mail: eltonjonathas10@hotmail.com

Arinos, da Academia Brasileira de Letras, a obra foi bem recebida pela crítica, que via naquelas ficções uma poética de estranhamento, como apontou Tristão de Athayde, em crítica publicada em 24/12/1944, no periódico *O Jornal* (RJ), ao dizer que,

de uma qualidade muito mais estranha são os contos do Sr. Breno Accioly [...] de uma estreia notável, embora de uma espécie literária que desagrade profundamente ao público que procura, na literatura, emoções superficiais, moralizantes ou eróticas... Pode dizer-se mesmo que nunca vimos, até hoje, no Brasil, tão bem expresso literariamente, esse terrível campo de transição entre a luz da consciência e a outra luz da insanidade, como nestes contos por vezes repugnantes. (ATHAYDE, 1944).

Antes do lançamento, a obra circulava em notícias do jornal *A manhã* (RJ). No dia 8 de junho de 1944, o jornal anuncia a entrega dos originais à EPASA em uma nota de pouco mais de três linhas, abaixo da coluna “Livros do dia”, seção para a qual, aliás, BA escreveu várias críticas. No dia 23 de julho, anuncia-se o lançamento de *João Urso* para o mês de setembro, o que não vem a ocorrer. Entre os dias 3 de agosto e 5 de outubro, houve mais quatro anúncios relativos à publicação do livro, que será, no entanto, lançado apenas no dia 28 de novembro. Na nota publicada no jornal²³, também são destacados o prefácio de José Lins do Rego e a capa de Santa Rosa²⁴.

²³ “Com grande expectativa, quase fechando o movimento literário do ano, acaba de sair o livro de estreia de Breno Accioly. Anunciado, esse livro — que se intitula ‘João Urso’ — de logo chamou a atenção da crítica. Tratava-se de um autor moço, não tendo ainda publicado nenhum livro, mas já conhecido pelos inúmeros contos que publicara nos jornais e revistas. ‘João Urso’ é um livro de contos. Escrito com força tão rara, dotado de surpreendente interesse humano, em consequência do equilíbrio de todas as suas páginas, colocará facilmente seu autor ao lado dos melhores autores brasileiros modernos. O volume traz um prefácio de José Lins do Rego. A capa é de Santa Rosa” (*A manhã*, 1944, p. 3).

²⁴ Esta não é a primeira ilustração que Santa Rosa faz para BA. Em 28/11/1943, o contista publica o conto “As três toucas brancas” no periódico carioca *O Jornal*. No ano seguinte, publica os contos “O medo”, em 09/01/1944, e “Os olhos”, dedicado a Vinícius de Moraes, em 16/04/1944, igualmente ilustrados por SR. Esse último conto foi republicado na semana seguinte no *Diário de Pernambuco* (23/04/1944). Em ambas as ilustrações, o capista assinou seu nome por inteiro, fato raro, visto que ele normalmente subscrevia seus trabalhos apenas com suas iniciais. Posteriormente, Santa Rosa ainda fará a ilustração do conto “Os cogumelos”, em 1946.

O texto que serve de prefácio à obra, “Um livro de contos”, de Lins do Rego, já havia sido publicado no jornal *A manhã*, em 10/10/1944. No ano anterior, BA havia publicado nesse mesmo jornal o conto “João Urso”, dedicando-o ao escritor paraibano.

Despontam igualmente na obra as dedicatórias que haviam aparecido quando da publicação dos contos em periódicos. Nomes de elevado reconhecimento no meio literário tornaram-se dedicatários de contos de BA, como Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes, Aurélio Buarque de Holanda e Lúcio Cardoso. Há ainda os dedicatários da obra, dentre os quais os pais, alguns amigos e Mário de Andrade, e uma epígrafe, assinada por Augusto Frederico Schmidt.

No caso desta primeira edição, excertos de crítica assinados por autores e críticos reconhecidos ocupam a quarta capa, dentre os quais sobressaem Lúcio Cardoso, Otávio de Faria, Antônio Rangel Bandeira, Mário de Andrade e Vinicius de Moraes. Do exemplar original foram tiradas 50 cópias — em papel e formato especial — numeradas e rubricadas pelo autor.

Uma segunda edição de *João Urso* só sairia nove anos depois, pelas Edições O Cruzeiro²⁵. Dessa nova impressão, revista pelo autor e ilustrada por Páez Torres, foram suprimidos os nomes de dois dedicatários — Aurélio Buarque de Holanda e Lúcio Cardoso — e alterados textos e títulos de alguns contos.

É pela Editora Civilização Brasileira — como parte da Coleção Vera Cruz (Literatura Brasileira), v. 56 — que ocorre o lançamento da terceira edição de *João Urso*, igualmente revista, em 1963. A capa ganhou uma nova ilustração, assinada por Eugênio Hirsh. Se o prefácio permaneceu inalterado, modificou-se a epígrafe original.

²⁵ Neste intervalo de quase uma década, BA lançou seu segundo livro, *Cogumelos* (1949), pela Editora A noite, com ilustração de Oswaldo Goeldi.

Foi necessário aguardar mais de 30 anos para rever *João Urso* nas prateleiras de lançamentos: só em 1995 saiu uma nova edição da obra (a quarta — e até o presente, última — no geral, a primeira póstuma). Publicado pela Editora Civilização Brasileira, o volume mantém-se fiel à edição anterior, excetuando-se a ilustração de capa: no lugar do desenho rubricado por Eugênio Hirsch, entra uma xilogravura de Cândido Portinari.

Dos elementos paratextuais supracitados as capas serão o objeto de estudo. O espaço paratextual corresponde à área que se encontra sob os cuidados diretos da edição. Analisar os paratextos implica, por conseguinte, examinar as edições propostas ao público sob uma ou mais variações do objeto (GENETTE, 2018).

2 As capas das edições de João Urso

As capas das edições que *João Urso* teve até o presente dialogam — em maior ou menor grau — com alguns dos contos do livro, e seu exame auxilia, por conseguinte, a descortinar o percurso — e a recepção — da obra.

Segundo Genette (2018), foi no início do século XIX que surgiram as capas impressas em papel ou papelão, que se tornaram, por seus múltiplos recursos, mais um aspecto do objeto livro a ser explorado pelas editoras. Para o crítico francês, há aproximadamente 20 elementos diferentes que podem figurar na capa²⁶. Ele diz, no entanto, que esses itens não são utilizados simultaneamente. Os que têm presença praticamente assegurada nas capas são o nome do autor, o título da obra e o selo do editor.

As editoras brasileiras serviram-se igualmente dessas possibilidades na criação das capas dos livros de seus catálogos, valendo-se de ilustrações, de

²⁶ V. Genette, 2018, p. 27-28.

formatos e tamanhos distintos de fontes e de uma gama extensa de cores para passar o que lhes parecia ser o conteúdo do livro.

A década de 1930 é, na literatura brasileira, marcada pela geração regionalista, de forte tendência para o gênero romance. É neste período que Santa Rosa (doravante SR) ficou conhecido por criar tipos de capas até então pouco explorados. No simpósio “Graciliano Ramos — 75 anos de *Angústia*”, o crítico literário Antonio Candido (2011) afirmou ter se interessado pelo primeiro livro de Graciliano devido à capa, o que evidencia a importância do trabalho realizado por SR para a editora José Olympio.

[...] eu me lembro perfeitamente da primeira vez que eu vi *Caetés*, porque não só havia essa livraria, que se chamava Vida Social, mas havia outra, livraria Tupi. Eu passei na livraria Tupi e vi exposto... numa espécie de... escarapate [*sic*] assim... aquela capa diferente, capa de *Caetés*. Eu não comprei, mas ficou... aí começou o movimento das capas novas, as capas feitas por Santa Rosa [...] essas capas foram muito importantes porque familiarizaram o povo com a arte moderna. Então eram capas cubistas, capas surrealistas que havia. Então através da capa o modernismo de 20 foi difundido também em 30 [...]. (CANDIDO, 2011).

Candido ficou com a capa de SR em sua mente. Decerto impressionado com o fato de que o ilustrador tivesse usado elementos inusuais, sentiu a ruptura que SR provocara com os novos modelos de capas. Foi a partir daquela época que as ilustrações ganharam novos espaços, enlaçando público e texto por meio da arte visual.

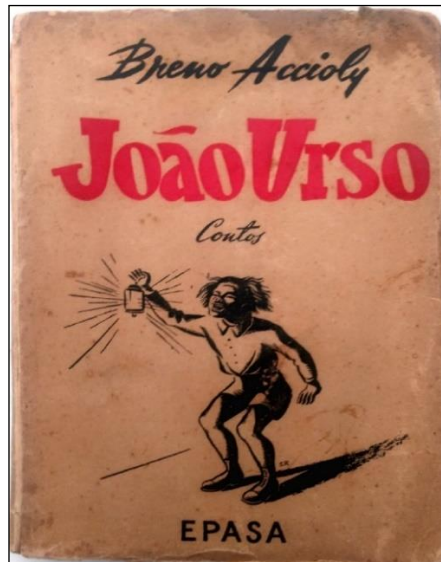
Bueno (2015) afirma que a capa da primeira edição de *João Urso* seguiu o padrão de leiaute que SR adotava em suas capas para a editora José Olympio: sob os nomes do autor e da obra e o gênero do livro, aparecia uma figura, normalmente relacionada ao tema da obra. É o que se verifica nessa edição (Figura 1): num livro que mede aproximadamente 13x19 cm, vê-se o nome do autor na parte superior da capa, um “lugar canônico”, segundo Genette (2018, p. 40), grafado em cor preta. O título da obra — que aparece nos quatro locais

que lhe são comumente destinados: a primeira capa, a lombada, a página de rosto e a página de anterrosto — foi composto em vermelho e tem dimensões maiores do que as do nome do autor. Na sequência, tem-se a indicação do estatuto genérico, “contos”, igualmente traçada em preto. Por fim, sob o desenho de um garoto, aparece o nome da editora, EPASA, em caixa alta e na cor preta.

O vermelho e o preto sobressaem sobre um fundo pardo. Segundo Bueno (2015, p. 29), esse estilo, que caracteriza como *art déco*, é muito empregado em capas nos anos 1930-1940. O uso de cores era restrito (muito provavelmente por questões de custo), mas SR soube, segundo o estudioso, fazer um brilhante uso dessa limitação.

SR tinha grande sensibilidade para captar momentos precisos e representá-los nas capas. Vê-se, aqui, um garoto com o corpo inclinado, relativamente bem vestido — o que pode indicar seu pertencimento a uma classe social mais favorecida — e que carrega em seu braço direito, erguido à altura do rosto, uma lanterna que lhe ilumina o rosto e o largo sorriso. A mão esquerda, estirada para trás, e os joelhos inclinados dão-lhe o aspecto de quem está se esforçando para enxergar algo.

Figura 1 - Capa da primeira edição de *João Urso*



Fonte: acervo pessoal

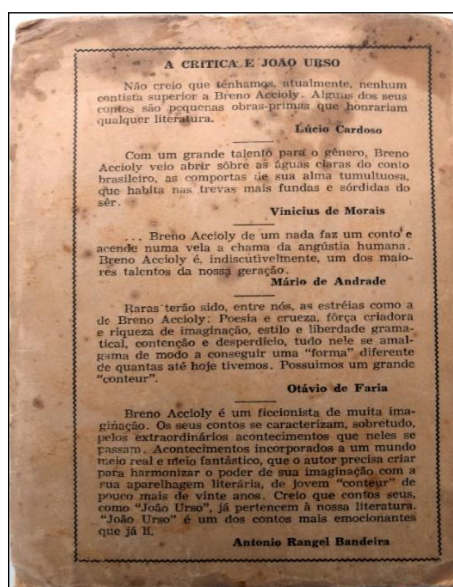
A ideia da imagem foi indubitavelmente extraída do conto inaugural, “João Urso”, que narra a vida de um menino que ri de tudo e a todo instante, inclusive em ocasiões inoportunas, fato que entristece sua mãe e assusta a população da cidade, que foge de sua presença e zomba de sua gargalhada na sua ausência. Em uma passagem, o narrador afirma ter o protagonista o desejo de pegar uma lanterna durante uma procissão, mas é impedido pelo padre de fazê-lo. Mais tarde, num de seus acessos de loucura João Urso termina por roubar uma lanterna, e, com ela em punho, assusta os fiéis e interrompe o séquito. Para Bueno,

a intervenção que Santa Rosa faz, um tipo de “infidelidade interpretativa” ao que se descreve no conto, é a de colocar João Urso sozinho, como se não houvesse procissão, e com isso, além da cena em si, ele dá concretude à condição de isolamento do personagem. (BUENO, 2015, p. 70).

O isolamento de João Urso na capa não é senão a representação física de sua solidão. Sua sombra, um borrão desfigurado, igualmente reflete um ser degradado, à margem, excluído de seu meio.

A quarta capa apresenta excertos de rodapés destinados à obra, reunidos sob o título “A crítica e João Urso” (Figura 2). Esses fragmentos tratam de modo geral do talento de BA para o gênero: Lúcio Cardoso diz que não há naquele período nenhum contista superior ao alagoano; Vinicius de Moraes, que as ficções do contista são como um mergulho na alma humana; Mário de Andrade, que o autor é capaz de transformar algo insignificante em uma boa história; e Otávio de Faria e Antonio Rangel Bandeira, que o escritor revela ter poder de imaginação.

Figura 2 - Quarta capa da primeira edição de *João Urso*



Fonte: acervo pessoal

A nota de Cardoso, aliás, reverberou de tal modo no meio literário que fez com que o escritor mineiro voltasse à questão em outro rodapé. No novo texto, publicado no jornal *A manhã* do dia 23/01/1944, ele afirma:

Depois de ter escrito sobre o sr. Breno Accioly uma frase destinada à publicidade, várias pessoas vieram indagar se realmente eu acreditava no que afirmara. Respondi naturalmente que sim, desejando ter em mãos o livro completo, já que fizera a minha declaração baseado, apenas, em contos publicados em suplementos e revistas. (CARDOSO, 1944, p. 4).

Desse modo, o crítico confessa dois pontos importantes: 1) A nota original publicada na quarta capa do livro foi muito provavelmente escrita “por encomenda”; 2) A contestação que lhe fizeram — que põe em xeque não apenas a qualidade da obra, mas também o juízo crítico de Cardoso — incomodaram-no e elevaram-no a fazer a “emenda”, na qual indica não ter lido o livro integralmente ao escrever a primeira nota.

A impressão causada pela primeira leitura foi ratificada na segunda: “[...] agora, com o volume diante de mim, verifico que os contos do jovem alagoano resistem à segunda leitura [...]”. No entanto, abre uma ressalva logo em seguida: “[...] alguns [*contos*], lidos apressadamente em cafés ou em originais emprestados pelo autor, ganham no total do livro, como certas flores que se fazem valer mais no meio de outras” (CARDOSO, 1944, p. 4, *grifo nosso*). Desse modo, Cardoso, embora elogioso, deixa solto que provavelmente alguns contos perdem, fora do volume, alguma beleza (qualidade técnica?). Depois prossegue sua crítica ressaltando aspectos que considera valorosos na obra do jovem alagoano.

Ainda em relação ao aparato paratextual, ressalta-se o texto não assinado que ocupa o espaço das orelhas do livro. Nessa pequena nota crítica, BA é comparado a outros escritores. Por sua “expressão bruta”, o autor anônimo o compara a Faulkner; e, no plano das histórias, ao hoje pouco conhecido Marcel Jouhandeau: “O plano, não o clima. Em Jouhandeau, como se sabe, o clima é metafísico, quase ontológico [...]. No entanto, quando sentimos ou lemos os contos de *Astaroth*, recuando o livro para encontrar os contos de Breno Accioly, estabelecemos então a identidade de planos”. Diz ainda: “O cenário da vida

humana, sempre interior, em desordem. Igual desconhecimento de tempo e memória. Mãos que tateiam no vazio como se as coisas do mundo escapassem e fugissem”.

Aproximações e afastamentos quando comparado a autores célebres, elogios à escrita, à imaginação e à sensibilidade e alusões à sua juventude são os traços de BA a que a primeira edição dá destaque para aquele que tem o livro em mãos e ainda não leu suas primeiras páginas.

Lançada pelas Edições O Cruzeiro²⁷ nove anos depois da original, a segunda edição de *João Urso*, de formato ligeiramente maior que a anterior (14x22 cm)²⁸, traz na capa uma ilustração feita por Páez Torres²⁹ (Figura 3).

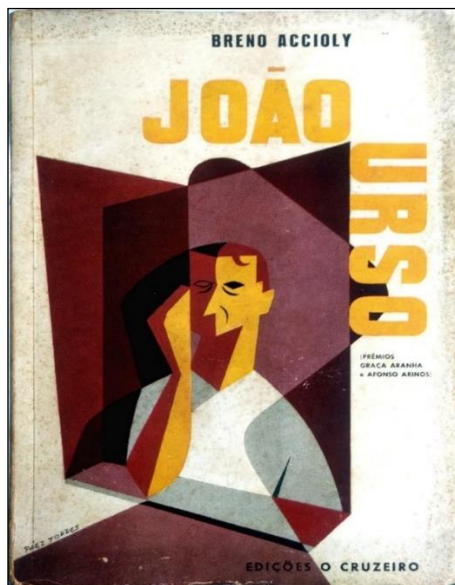
A menção aos dois prêmios recebidos — Graça Aranha e Afonso Arinos — estampada na capa expõe o intuito da editora de destacar que se trata de uma obra de valor literário assegurado.

²⁷ A editora fazia parte do grupo que publicou entre os anos de 1928-1975 a famosa revista homônima fundada por Assis Chateaubriand.

²⁸ Essas dimensões podem indicar uma obra de maior prestígio, segundo Genette (2018, p. 23): “A dimensão de nossas edições correntes normalizou-se ou banalizou-se em torno dos formatos médios do século XIX, com variações de acordo com os editores ou as coleções que quase já não têm pertinência em si mesmas, a não ser o costume seguido, há duas ou três décadas, de editar em formato relativamente maior (por volta de 16 x 24 cm) os presumidos best-sellers [...]”.

²⁹ Armando Páez Torres nasceu na Argentina. Foi um artista autodidata. Ilustrador e designer, chegou a morar no Brasil de 1937 a 1947 e de 1952 a 1955. De seus trabalhos, destacam-se as ilustrações feitas para as Edições O Cruzeiro (RJ). Produziu ainda capas para a Hachette e para a revista infantil *Bolita*, de Buenos Aires. Foi vencedor de alguns prêmios, como o “Festival del Libro Americano”, concurso de pôsteres das Nações Unidas.

Figura 3 - Capa da segunda edição de *João Urso*



Fonte: acervo pessoal

O leiaute não foge ao padrão usual: no alto, vê-se o nome do autor e o título do livro. Se, na primeira edição, o nome do contista fora composto em dimensões similares às do título, nessa nova versão Breno Accioly “encolhe”, abrindo espaço — tanto horizontal quanto verticalmente — para o protagonista da narrativa mais famosa da coletânea (e que dá nome à obra): João Urso. O amarelo aparece no nome do livro e se reflete no rosto e no braço da figura debruçada à janela (que igualmente se assemelha a um livro entreaberto). Na parte inferior, vê-se a assinatura do ilustrador e o nome da editora.

A figura de um homem à janela é recorrente na obra de BA (assim como o são os temas da loucura, da solidão e da morte). No conto “Na rua dos lampiões apagados”, por exemplo, lê-se: “Debruçado numa janela do refeitório, Bioléu sente o frio da manhã” (ACCIOLY, 1953, p. 139). No jogo de claro/escuro que sobressai na ilustração, não é possível distinguir nitidamente na figura uma expressão de sentimento. A linha das pálpebras sugere, talvez, um ar

contemplativo, reflexivo, de um homem que está absorto em seus pensamentos, isolado do mundo.

As notas que, na primeira edição, figuravam na quarta capa passaram, na segunda, para as orelhas. Na última capa dessa edição, anunciam-se outros títulos da editora, escritos por Adonias Filho, Lucio Cardoso, Herberto Sales, Cornélio Penna e José Condé.

Das primeiras notas, foram mantidas apenas as assinadas por Lúcio Cardoso, Vinicius de Moraes, Mário de Andrade e Otávio de Faria, às quais foram acrescentados apontamentos (extraídos de rodapés de jornal) que não estavam na edição inaugural, de autoria de Tristão de Athayde, Sérgio Milliet, Alcântara Silveira e Roger Bastide.

A nota de Athayde saiu originalmente em rodapé publicado no dia 24/12/1944 n’*O Jornal* (RJ). Nela, o crítico elogia a obra e frisa o que lhe parece ser seu aspecto mais importante: o viés psicológico. “Pode-se dizer mesmo que nunca vimos, até hoje, no Brasil, tão bem expresso literariamente, esse terrível campo de transição entre a luz da consciência e a outra luz da insanidade, como nestes contos por vezes repugnantes”.

Milliet publicou sua crítica no periódico *A manhã* (RJ), em 07/01/1945. Como Athayde, Milliet realça nas narrativas de BA as relações entre os mundos objetivo e subjetivo e aponta o realismo doloroso e agudo que marca a forma poética do conto que dá nome ao livro.

Silveira também valoriza a atmosfera acciolyana, em que se contrapõem razão e loucura, e Bastide, por fim, em crítica publicada n’*O jornal* (RJ) em 24/03/1945, assinala o caráter poético do livro, tomando por exemplo um de seus contos, “Condado de Green”.

O intervalo entre a terceira e a segunda edições é aproximadamente o mesmo daquele entre esta e a primeira: dez anos. Igualmente revista pelo autor, a terceira edição, ilustrada na capa por Eugênio Hirsch³⁰, saiu pela Editora Civilização Brasileira em 1963 (Figura 4).

O leiaute da capa distingue-se do das edições anteriores: os nomes do autor e da obra são postos no mesmo plano, um à esquerda e outro à direita, abrindo espaço para a ilustração. As dimensões do volume seguem o padrão mais usual, 14x21 cm.

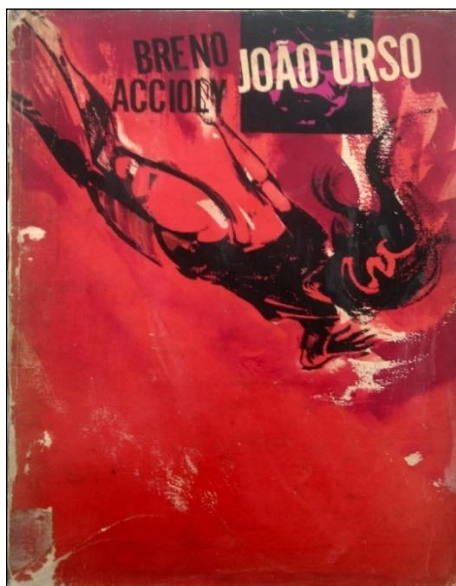
De cor vermelha — com múltiplas variações de tonalidade —, a capa igualmente remete ao teor dos contos. Essa cor é recorrente nas narrativas de BA, seja nas metáforas, seja em imagens diretas (em que há presença de sangue, sobretudo). Das quatro edições que o livro já teve, essa é a que tem a capa de aspecto mais “agressivo”.

Uma mulher, aparentemente seminua, mergulha no fundo avermelhado. As mãos abertas, dirigidas para lados opostos, e o movimento desordenado da cabeça sugerem desespero. A figura parece ter sido inspirada de uma personagem do conto “Açougue”, Ângela: “os cabelos se derramando numa túnica esgarçada de ombros abaixo, a mão direita no abandono, a esquerda pendendo do leito tão expressivamente como se estivesse a engaiolar um passarinho, a reter um apressado adeus” (ACCIOLY, 1963, p. 99). Assim como na narrativa, a figura insinua uma mulher que despenca, que parece procurar uma liberdade inalcançável, daí os braços que se estendem e se abandonam,

³⁰ Eugen Aloisius Hirsch (Viena, Áustria, 1923 – Rio de Janeiro, 2001) foi designer gráfico, ilustrador, pintor e aprendiz do expressionista vienense Oskar Kokoschka. Hirsch é considerado um dos responsáveis por revolucionar as capas dos livros no Brasil na década de 1960. Trabalhou principalmente para a Editora Civilização Brasileira. Suas ilustrações revelam versatilidade na linguagem gráfica e demonstram o quão atento estava o artista à cultura visual do seu tempo.

procurando algo em que se agarrar, como se a figura tivesse sido arrancada de si mesma.

Figura 4 - Capa da terceira edição de *João Urso*



Fonte: acervo pessoal

Sob o título há contornos de um rosto de homem, talvez remetendo ao personagem do conto supracitado, Frederico: “É uma face embaciada e vencida que o espelho devolve com todas as suas rugas, com todo seu olhar pesaroso” (ACCIOLY, 1963, p. 97).

A quarta capa assemelha-se à da primeira edição, com a repetição do título do livro e a transcrição de algumas notas críticas (sem indicação de autoria). As orelhas trazem uma nota em que o autor, não identificado, faz menção à crítica elogiosa recebida pela obra por Tristão de Athayde quando do lançamento do livro em 1944.

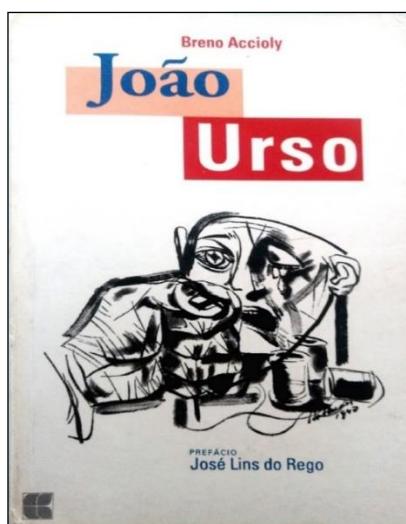
Após 32 anos, *João Urso* ganhou sua quarta — e última — edição em 1995. Novamente, é a Editora Civilização Brasileira que relança a obra, que traz como

novidade um posfácio³¹ assinado por José Paulo Paes (1995), “Breno Accioly / Onze contos inéditos”, em que o poeta e tradutor examina as qualidades ficcionais do alagoano e o compara ao escritor Julien Green, autor de *Leviatã*, e ao gravurista Osvaldo Goeldi. A primeira comparação se dá porque, para Paes, o conto “Condado de Green” é uma homenagem ao romancista. A segunda ocorre visto que o contista e o gravurista “operam pela mesma sombria linha de expressão” (PAES, 1995, p. 159). Paes comenta ainda as impressões que teve ao conhecer BA por intermédio de Graciliano Ramos, em 1947, na livraria José Olympio:

Lembro-me ainda hoje da aparência física de Breno. O cabelo curto cortado à escovinha, o rosto cheio, os olhos de uma fixidez perturbadora. Impressionou-me, sobretudo, o seu jeito esquivo, de quem estivesse fugindo de alguém e dos seus próprios fantasmas, que deixaram uma marca indelével na ficção brasileira, abrindo-lhe novos e insuspeitados caminhos. (PAES, 1995, p. 161).

A capa, dessa feita, leva a assinatura de Candido Portinari (Figura 5).

Figura 5 - Capa da quarta edição de *João Urso*



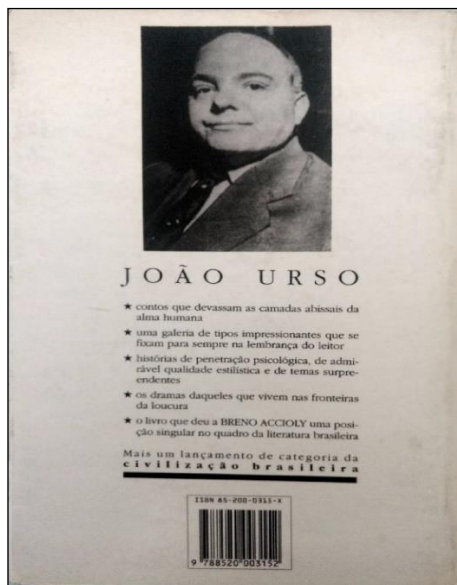
Fonte: acervo pessoal

³¹ Ao que tudo indica, não se trata de um posfácio original. Ao final do texto de Paes há uma sequência de fragmentos críticos (que já despontaram em edições anteriores) a respeito de BA. Intitulou-se esta fortuna crítica de “Críticos e colegas escritores saúdam Breno Accioly”.

Num fundo branco, o nome de BA aparece no alto, em letras vermelhas. Pela primeira vez, figura na capa — em caracteres maiores do que aqueles reservados ao autor — o nome do prefaciador, José Lins do Rego. O título também se destaca, com cores e fontes diferentes. O desenho de Portinari é acompanhado de assinatura e data — 1947. Os carretéis que envolvem a rubrica e a imagem tétrica de um homem agredido por um soco aludem verossimilmente ao conto “As agulhas”, cujo protagonista, Poni, ao procurar um instrumento afiado para atacar o homem que lhe havia roubado a esposa, encontra em uma gaveta agulhas e bobinas de linhas: “E naquela fúria, uma gaveta caiu soltando carretéis que rolavam secamente. Os carretéis começaram a rolar pelo assoalho e Poni, pisando sobre um deles, estendeu-se.” (ACCIOLY, 1995, p. 45-46). A imagem traz a essência do protagonista, assustado, covarde, que se encoraja apenas na ausência do outro, pois na presença deste sente-se ferido como quem é agredido fisicamente, e essa emoção é sentida de modo tão violento que ele se apequena, abdicando do desejo de reaver a amada.

Retoma-se nesta edição a quarta capa da edição anterior, à qual se insere, no terço superior, uma foto do autor (Figura 6).

Figura 6 - Quarta capa da edição mais recente de *João Urso*



Fonte: acervo pessoal

Sobre as editoras pelas quais BA lançou *João Urso*, cabem ainda algumas considerações. A Editora Pan-Americana S/A — EPASA tinha sede no Rio de Janeiro, no nº 25 da Avenida Rio Branco. Sendo o edifício demolido no ano de lançamento de *João Urso*, a sede da editora transferiu-se para o Edifício Minerva (rua México, 98), também situado na então capital federal. É provável que a editora tenha tido renome nos anos 1940, porque suas publicações do período (atualmente de rara circulação) incluíam títulos como *A montanha mágica*, de Thomas Mann (1943) e *A Comédia Humana*, de William Saroyan (1943). A EPASA arriscava-se não apenas no campo literário, tendo igualmente publicado obras filosóficas, sociológicas ou que tivessem alguma relevância sociocultural, como *Sinais do tempo*, de Lindolfo Collor (1942), compilação de artigos escritos em Paris antes da eclosão da Segunda Guerra.

As Edições O Cruzeiro, pelas quais saiu a segunda edição de *João Urso*, tampouco subsistiram. De seu catálogo, constavam títulos como *Drácula*, de Brahm Stoker (1943), *O fauno de mármore*, de Nathaniel Hawthorne (1956), a segunda edição de *Dois mundos*, de Aurélio Buarque de Holanda (1956), e a edição póstuma de *O vulcão e a fonte*, de José Lins do Rego (1958, com apresentação de Lêdo Ivo). A fama da editora vinha da revista homônima, *O Cruzeiro*, fundada por Assis Chateaubriand em 1928. A revista foi extinta em 1975.

A Editora Civilização Brasileira é, das que publicaram *João Urso*, a de maior peso no cenário nacional. Fundada em 1932, editou obras clássicas da literatura brasileira e universal. Atualmente, o selo integra o grupo editorial Record.

Observa-se, portanto, que a obra de estreia de Breno Accioly logrou, ao longo dos anos, ser publicada por editoras de grande porte, o que atesta não somente sua qualidade, mas a presença evidente do autor no sistema literário nacional.

Eis, portanto, uma síntese dos elementos paratextuais que aparecem nas capas das quatro edições de *João Urso*, de que sobressaem as notas críticas elogiosas — algumas rubricadas por críticos e escritores consagrados — e as ilustrações realizadas por artistas renomados (Quadro 1).

Quadro - Síntese dos elementos paratextuais presentes nas capas das edições de João Urso

<i>João Urso</i>	1ª Edição	2ª Edição	3ª Edição	4ª Edição
Ano de publicação	1944	1953	1963	1995
Editora	EPASA	Edições O Cruzeiro	Civilização Brasileira	Civilização Brasileira

Quadro - Síntese dos elementos paratextuais presentes nas capas das edições de João Urso

<i>João Urso</i>	1ª Edição	2ª Edição	3ª Edição	4ª Edição
Formato	13x19 cm	14x22 cm	14x21 cm	14x21 cm
Ilustração da capa	Santa Rosa	Páez Torres	Eugênio Hirsch	Candido Portinari
Contos ilustrados nas capas	“João Urso”	“Na rua dos lampiões apagados”; “João Urso”	“Açougue”	“As agulhas”
Informações extras	Não	Indicação de obra premiada	Não	Indicação de prefácio
Orelhas	Texto crítico sem identificação autoral	Notas críticas	Texto crítico sem identificação autoral	Texto crítico sem identificação autoral
Quarta capa	Notas críticas	Anúncios de obras da editora	Recortes críticos sobre a obra	Recortes críticos sobre a obra e foto de Breno Accioly

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Breno. As três toucas brancas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/18708. Acesso em: 30 jun. 2019.

ACCIOLY, Breno. *João Urso*. 1. ed. Rio de Janeiro: Epasa, 1944.

ACCIOLY, Breno. O medo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/19413. Acesso em: 28 jun. 2019.

ACCIOLY, Breno. Os olhos. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/20950. Acesso em: 28 jun. 2019.

- ACCIOLY, Breno. *João Urso*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1953.
- ACCIOLY, Breno. *João Urso*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- ACCIOLY, Breno. *João Urso*. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- ATHAYDE, Tristão. Vida literária: contos e novelas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1944. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/25085. Acesso em: 29 jun. 2019.
- BASTIDE, Roger. Trimestre poético. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 mar. 1945. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/26489. Acesso em: 30 jun. 2019.
- BOMFIM, Edilma Acioli. *Razão mutilada: ficção e loucura em Breno Accioly*. Maceió: EDUFAL, 2005.
- BUENO, Luís. *Capas de Santa Rosa*. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Depoimento de Antonio Candido no Simpósio Graciliano Ramos - 75 anos do livro "Angústia"*. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p3r-dY-0Ows>. Acesso em: 4 jan. 2020.
- CARDOSO, Lúcio. João Urso. *A manhã*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1944. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/25277>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.
- MILLIET, Sérgio. Trechos de um diário crítico. *A manhã*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1945. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/25415>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- PAES, J. P. Breno Accioly / Onze contos inéditos. In: ACCIOLY, B. *João Urso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 159-161.
- REGO, José Lins do. Um livro de contos. *A manhã*, Rio de Janeiro, 10 out. 1944.
- REGO, José Lins do. Um livro de contos — Prefácio. In: ACCIOLY, Breno. *João Urso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 13-15.

Recebido em 10/02/2023.

Aceito em 25/04/2024.